

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 35	Preço da assignatura por mez	Para a Corte 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	---	--

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

IV

OS JURAMENTOS

(Continuação.)

O Sr. de Villedieu parecia acabrunhado.

Nem sequer tinha conseguido salvar, com uma piedosa, mas terrível mentira, a mulher a quem amava.

Jurára falsamente pela honra de sua mãe, e esse juramento sacrilego fôra inútil.

E a condessa de Vezay ia ficar perdida, — perdida para elle e por causa d'elle!

— O senhor disse-me ha pouco, proseguiu o conde, que, depois de haver-me explicado a sua conducta, pôr-se-hia á minha disposição... não é verdade que me disse?..

— Sim, Sr. conde, eu lh'o disse....

— Bem! o seu procedimento está explicado...

— E eu estou á sua disposição.

— Assim o espero.

— Estou prompto para tudo... aguardo a sua decisão.

— Um duello é uma triste reparação, sei, continuou o Sr. de Vezay, — e esse pretendido julgamento de Deus se mostra ás vezes bem injusto; — entretanto, cumpre que me satisfaça com elle, pois que não o matei logo, como me assistia o direito de fazel-o...

— Não careço dizer-lhe, respondeu o visconde, que em toda a parte e sempre estarei á sua disposição.

— Que pretende o senhor dizer com isso?

— Pretendo dizer que comparecerei ao logar que o senhor me marcar.

— Oh! não terá que se incommodar por isso...

Nós imos bater-nos já...

— Aqui?

— Aqui, sim!..

— A esta hora?

— Agora mesmo.

— Como, apesar do escuro?

— Os relampagos nos servirão de archotes.

— Mas eu não tenho armas...

— Tenho-as eu...

E o Sr. de Vezay apresentou as duas espadas que até então conservára sob o braço esquerdo.

Depois acrescentou:

— O caso estava previsto, e, como vê, sou um homem de precaução.

— Mas, tornou o visconde, falta-nos uma coisa indispensavel...

— Que é?

— Testemunhas.

— Testemunhas para que?

— Para virificarem que houve um duello e não um assassinato...

— Bem! temos aqui Caillouet, meu antigo servidor, que assistirá ao combate, e que, em caso de necessidade, será testemunha do modo leal por que as cousas se tiverem passado...

— Seja! disse então o Sr. de Villedieu; faça-se a sua vontade, Sr. conde...

— Resta-me, ao menos, respondeu o Sr. de Vezay, a commodidade de matal-o ou de ser morto pelo senhor, sem sahir do meu parque...

E, como o Sr. de Villedieu se conservasse calado, o conde proseguiu, pegando nas duas espadas pela ponta e apresentado-as pelo punho ao seu adversario:

— Faça o favor de escolher.

— E' inutil...

— Como?

— Dê-me uma, ao acaso...

— Isso não! não é regular; o senhor deve escolher por si mesmo a sua arma; estas espadas são do mesmo comprimento, ambas maneiras e flexiveis, tempera igual e punho semelhante... Repito, Sr. visconde, escolha.

Armando de Villedieu tomou uma das espadas.

— Caminhemos para o lado do muro, se faz favor, tornou o conde; ao menos, estaremos alli ao abrigo do vento e da chuva que nos cega vergastando-nos a face...

Assim fallando, o Sr. de Vezay deu alguns passos para o muro.

O visconde acompanhou-o.

Caillouet não se afastou do lugar onde se achava, e donde assistira á conversação toda que acabamos de reproduzir.

Os dous adversarios se postaram em frente um do outro.

O Sr. de Vezay tirou a jaqueta de caça e arrojou-a para o lado.

O visconde despiu o seu casaco.

E os dous homens cruzaram as espadas.

O Sr. de Villedieu, porém, abaixou quasi logo a ponta da sua.

— Que faz o senhor? exclamou o conde.

— Sr. conde, respondeu o Sr. de Villedieu, apesar do que disse ha pouco, Deus é justo, e tenho a certeza de que hoje o seu julgamento está pronunciado de antemão... Um presentimento, que não me illudirá, diz-me que vou morrer.

— Ora, qual!... murmurou o Sr. de Vezay; acreditar em presentimentos é fraqueza ou loucura!

— Nem uma, nem outra cousa, Sr. conde, e dentro em pouco vê-lo-ha.

«Daqui a tres minutos, ferido pelo senhor, estarei estendido no mesmo lugar em que estou agora em pé...

«Ora, tenho na consciencia o peso de uma falta, e o meu temor é grande em presença desta morte para que não estou preparado...

«Se o senhor me perdoasse, o senhor a quem tão gravemente offendi, eu teria confiança na misericordia de Deus, perante quem vou comparecer, e não perderia a esperanza de encontrar compaixão aos olhos d'elle, pois que houvera encontrado a sua.

«Estou arrependido...e vou morrer...

«Perdôe-me, pois, Sr. conde...

«Pego-lh'o humildemente...

«Pego-lh'o de joelhos...

E, com effeito, o Sr. de Villedieu poz um joelho em terra perante o marido enganado por elle, e curvou a cabeça.

O Sr. de Vezay, — sorprendido por aquelle pedido que elle estava tão longe de esperar, não respondeu logo.

Os olhos de Caillouet faiscaram no escuro.

— Elle perdoará?... murmurou o coureiro.

E as suas mãos apertavam convulsivamente a coronha da carabina.

V

UMA ESTOCADA

Com certeza, havia na alma do Sr. de Vezay manifesta hesitação.

Pouco, porém, durou ella.

— Sr. visconde, respondeu elle com voz grave, e com expressão bem differente do tom sardonicamente polido que havia conservado até então, repito-lhe que não creio nos presentimentos; o desenlace do combate que se deve realizar entre nós é um mysterio tanto para mim como para o senhor, e o perigo que nos ameaça é igual para ambos...

«Sei que Deus manda perdoar...

«Mas sei tambem que elle não consente que o adulterio fique impune...»

Ouvindo estas palavras, o coureiro estremeceu.

Sous dentes alvos e separados, — seus dentes de fera, — chocaram-se uns nos outros por baixo dos labios crispados.

— Eu tinha uma esposa, continuou o Sr. de Vezay, uma esposa em quem consubstanciára toda a minha felicidade... a quem dera todo o meu coração, todo o meu amor... e acreditava que era tão amado por ella quanto ella o era por mim...

— Mentira!... mentira!... murmurou Caillouet.

O Sr. de Vezay continuou:

— O senhor tomou-me essa mulher, que era minha perante Deus e perante os homens!...

«O senhor roubou-me a sua alma e o seu amor!...

«Perdeu a minha ventura!...

«Empeçonhou o meu porvir!...

«E agora vem solicitar de mim, de joelhos, um perdão impossivel!...

«Não espere obter esse perdão, Sr. visconde.

«Seja qual fôr a injuria que se haja recebido, dever-se-hia esquecel-a, sem duvida...

«A minha virtude, porém, não chega até lá!

«Deus o perdôe, so lhe aprouver... como christão que sou, aconselho-lhe que lh'o peça; eu, porém, não perdoarei!...»

Armando de Villedieu tinha-se levantado.

Dominava-o visivel e profunda emoção.

— Em guarda! disse o Sr. de Vezay.

— Ouça... murmurou o visconde.

— Que mais é? perguntou o Sr. de Vezay com impaciencia mal refreada.

O Sr. de Villedieu designou com um gesto o casaco que havia atirado á areia humida da alameda.

— Na algibeira daquelle casaco, respondeu elle, ha uma carteira... Contém essa carteira alguns papeis de familia, que são de certa importancia... De-sejo que esses papeis não fiquem perdidos...

«Se eu succumbir no combate que vai começar, peço-lhe que a faça entregar a meu filho... a essa pobre criança cuja mãe é morta, e que vai ficar inteiramente orphã...

«Fará o que lhe peço, Sr. conde?»

— Fal-o-hei.

— Promette-m'o?

— Prometto-lhe.

— Obrigado!... E, agora, quando quizer... eis-me prompto...

O Sr. de Vezay não esperou que lh'o repetissem.

O duello estava começado.

Foi um combate estranho aquelle duello, e certamente um espectáculo commovedor e curioso.

A tempestade redobrára de violência, como se quizesse lançar os seus funebres clarões sobre aquella scena de morte.

Relampagos continuos riscavam o céu em todos os sentidos, e parecia que faziam saltar labaredas fugaces das laminas que se chocavam com metallico rangido.

O conde e o visconde tinham igual sangue-frio.

A força de ambos na esgrima era pouco mais ou menos a mesma.

Por mais de uma vez tinham-se esgrimido, o que fazia com que cada um delles conhecesse a fundo o jogo de seu adversario.

O Sr. de Vezay atacava com ardor, com impetuosidade, com furia, mas com uma furia fria e que excluía a imprudencia.

Armando de Villedieu empregava a sua sciencia e habilidade unicamente em defender-se.

A sua espada parecia formar uma muralha de vivo aço entre elle e a espada do conde.

Limitava-se a parar, jamais retribuía golpe por golpe, ataque por ataque.

Dir-se-hia,—e talvez fôsse essa a verdade—, que elle procurava defender a sua vida, mas que estava resolvido a respeitar a do conde.

Não tardou que este se irritasse com aquella glacial resistencia, que não tomava nunca a offensiva.

A idéa de que o Sr. de Villedieu o poupava apoderou-se-lhe repentinamente do espirito e o pôz fóra de si.

Redobrou de impetuosidade, atacando sem descanso e sempre em vão, e descobrindo-se com louca temeridade que o punha á mercê do visconde.

Bastava ao Sr. de Villedieu estender o braço, em um golpe recto, para ferir o conde em cheio no peito.

Um movimento de sua mão, e o Sr. de Vezay seria um homem morto.

Não fez elle, porém, esse movimento.

No peito do Sr. de Villedieu pulsava um nobre coração, e, se aquelle fidalgo tinha commettido uma acção desleal, ao menos não recuava perante a expiação.

Entretanto o combate devia ter um fim.

Um momento houve em que a espada do visconde chegou tarde para aparar um golpe recto do Sr. de Vezay.

Não obstante, desviou o ferro que devia atravessar-lhe o peito de lado a lado, e levantou-o.

Mas a ponta da espada inimiga apanhou-lhe o alto do craneo e penetrou profundamente.

A mão do visconde abriu-se logo.

E elle deixou cahir a arma.

Agitou os braços no ar, e cahio de costas, murmurando:

— Bem vê que Deus é justo...

Seus olhos se fecharam e elle ficou sem movimento.

O conde debruçou-se sobre aquelle pobre corpo agonizante.

Levantou-lhe a cabeça, donde o sangue corria em ondas.

Os labios do Sr. de Villedieu se entreabriram.

E elle balbuciou, mas com voz tão debil que mal se percebia.

— A carteira... a carteira... meu filho... não esqueça... Meu Deus! perdão!... Eu morro...

E o murmúrio de suas palavras se extinguiu.

Seus labios cessaram de mover-se.

A sua respiração parou.

O Sr. de Vezay afastou a camisa do visconde e poz-lhe a mão no coração.

Esse coração já não batia.

— Está morto! disse lentamente e erguendo-se; está morto!... Deus tenha a sua alma!...

Emquanto se passava a ultima parte da scena que acabamos de referir, eis o que acontecia a poucos passos de distancia dos dous principaes actores.

Caillouet, sabemo-l'o, assistia ao duello como sua unica testemunha.

Sabemos tambem que estava calado, impassivel, e apoiado á sua carabina.

Emquanto durára o combate, tinha elle esperado, immovel como uma estatua de bronze em um pedestal de granito.

No momento em que a espada do conde feria mortalmente o Sr. de Villedieu, Caillouet ~~estava~~ ^{estava} ~~com~~ ^{com} ~~um~~ ^{um} modo attrahido por invencivel poder, deu um passo para a frente.

Seus labios se entreabriram de novo, arregaçados por um rictus de tigre.

O visconde cahiu.

O Sr. de Vezay estava de costas para Caillouet.

O couteiro levantou então o cano da sua carabina.

Levou a arma ao hombro com todo o cuidado, e apontou para o amo.

A mão de Caillouet não tremia.

Seu coração,—podemos affirmar-o,—não batia com mais força que de ordinario.

Elle apoiou o dedo no gatilho e apertou-o.

O cão desceu sobre a platina.

Da pedra saltaram faiscas.

Não houve, porém, explosão.

A propria escorva não ardeu.

A polvora estava molhada!...

Caillouet suffocou um brado de colera, comprimiu uma praga surda que lhe subia do coração aos labios.

Depois, pegou na carabina pelo cano.

Fez com ella um sarilho e avançou para o Sr. de Vezay.

O conde se debruçava naquelle momento para o corpo inanimado do Sr. de Villedieu.

O braço de Caillouet ergueu-se.

Feroz expressão de odio se desenhou na rude physionomia do couteiro.

A arma assassina ia cahir...

E o conde estaria morto...

De subito, a expressão do rosto de Caillouet se modificou.

— Não... murmurou elle; assim, seria demasiado rapido... elle não padeceria bastante...

O braço do couteiro distendeu-se sem ter ferido, e elle apoiou-se de novo á carabina.

O Sr. de Vezay voltou-se, sem a menor desconfiança do terrivel perigo que acabava de correr.

— Caillouet!... disse elle.

O couteiro aproximou-se.

— Sr. conde? respondeu.

— Viste tudo, não é verdade?

— Tudo.

— Que dizes do que acaba de se passar?

— Digo que o Sr. conde está vingado... e que deve estar satisfeito, pois que a vingança é uma boa cousa...

— E' a tua opinião, Caillouet?

— Sim, Sr. conde, é a minha opinião.

O Sr. de Vezay baixou a cabeça.

O couteiro continuou:

— Acaso o Sr. conde não pensa como eu?...

O Sr. de Vezay fez signal negativo.

Depois murmurou:

— Agora, não.

— Ah! exclamou Caillouet; agora não?

— Não.

— E porque?

— Porque a minha colera agora está passada... e vejo as cousas taes como são...

— Que vê então o Sr. conde?

— Vejo que a acção que acabo de praticar é um crime!...

— Um crime!... exclamou o couteiro.

— Um crime odioso, repetiu o Sr. de Vezay: odioso... e que me espanta!...

— Não o comprehendo, Sr. conde!... em que é o senhor culpado?... o seu adversario... o seu inimigo... succumbiu, é exacto... mas era uma das probabilidades do combate; o Sr. conde sabe-o tanto como eu, este combate foi um duello leal...

— Caillouet, este combate foi um assassinato!...

— O Sr. de Villedieu tinha-o mortalmente ultrajado...

— O Sr. de Villedieu não se defendia!...

— E' engano seu, Sr. conde.

— Não!... Feri um homem que não me atacava!... feri-o com um golpe certo!... feri-o sem perigo para mim!... feri-o como um covarde!

— Que está dizendo, Sr. conde?... exclamou o couteiro; em nome do céu, reflecta!...

— Caillouet, tornou o Sr. de Vezay, acredita-me, a vingança é amarga!... o remorso segue-a de perto!...

« Este homem, sabendo que ia entregar-me a sua vida, pedia-me nobremente um perdão que tranquilizaria a sua alma!...

« Neguei-lhe esse perdão!... fui desapiedado!... talvez um dia peça eu perdão, por meu turno... e Deus será desapiedado tambem!...

E o Sr. de Vezay escondeu o rosto nas mãos.

— Desapiedado, sim!... o Sr. conde o disse!...

murmurou Caillouet, mas com voz tão baixa que o seu amo não o ouviu.

Houve então, entre os dous homens, um longo momento de lugubre silencio.

A tempestade fazia uma tregua.

O trovão enfraquecia, roncando surdamente no seio das nuvens.

Raros relampagos sulcavam ainda, de longe em longe, o céu escuro.

A chuva cahia em grossas gottas.

— Sr. conde... disse o couteiro.

O Sr. de Vezay ergueu a cabeça.

— Que me queres? perguntou.

Caillouet indicou com a mão o cadaver que jazia no chão, quasi a seus pés.

— Não se póde, disse elle, deixar este corpo aqui...

— Este corpo!... repetiu o Sr. de Vezay com um tremor nervoso. Oh! Deus meu! o que havemos de fazer delle?...

— E' justamente o que eu queria perguntar.

— Porventura o sei eu?

— O Sr. conde não tem então nenhum plano assentado?...

— Nenhum.

— Nem mesmo uma idéa?

— Nem mesmo uma idéa.

— Pois bem! creio que tenho uma.

— Qual é?

— Permite-me dizer-lhe o que sou de opinião que façamos?...

— Não só t'o permitto, como até mesmo te peço...

Caillouet afastou-se alguns passos, e prestou ouvidos, como para certificar-se de que estava inteiramente a sós com o Sr. de Vezay.

Depois voltou para junto de seu amo.

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Temos recebido uma ou outra reclamação por havermos encetado a publicação de um romance antes de concluido outro, o que, no entender dos reclamantes, difficulta a encadernação.

Os jornaes francezes e inglezes deste genero, cujo systema seguimos, não publicam um romance antes de concluir outro, publicam tres e quatro ao mesmo tempo. (Vejam-se *Le Conteur*, *La Semaine*, *Bons Romans*, *Journal pour Tous*, *Family Herald*, *London Journal*, *Family Reader*, e tantos outros.)

A encadernação de taes jornaes não se faz a cada romance que se publica, e sim por trimestres ou semestres, como a de outros quaesquer jornaes, onde tambem os romances que publicam ficam partidos, e divididos ás vezes em mais de um volume.

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continnar a receber no proximo mez o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.